



## **Jornalismo digital: questões metodológicas da análise das condições de produção nos novos arranjos do trabalho dos jornalistas<sup>1</sup>**

**Roseli Figaro<sup>2</sup>.**

Universidade de São Paulo (USP)

**João Augusto Moliani<sup>3</sup>.**

Universidade de São Paulo (USP)/Univ. Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)

**Ana Flávia Marques<sup>4</sup>.**

Universidade de São Paulo (USP)

**Jamir Kinoshita<sup>5</sup>.**

Universidade de São Paulo (USP)

**Resumo:** Este artigo discorre sobre a análise do jornalismo feito por arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia, localizados na Grande São Paulo, através da análise de material coletado em seus respectivos sites e redes sociais (Facebook e Twitter). A partir da organização dos respectivos arquivos, notou-se que o conceito de periodicidade dá lugar aos conceitos de regime de publicação (CHARTIER, 1999) e de cronotopo (BAKHTIN, 1992) para embasar as várias camadas de publicações e os tempos/espaços deste jornalismo. Assim como o critério de noticiabilidade já não permite estudar as condições de produção do discurso jornalístico nesses arranjos, sendo necessário ir a Genro Filho (2012) e à característica de discurso singular do jornalismo, o mesmo vale às instâncias – elementos ou conjuntos diferenciados de critérios de noticiabilidade – em Wolf (1992) e Gislene Silva (2005) para poder analisar com profundidade qual é o jornalismo feito por esses arranjos.

---

<sup>1</sup> O artigo traz questões apresentadas no relatório da segunda fase de pesquisa denominada “*As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia (CNPq)*”

<sup>2</sup> Professora livre docente da Universidade de São Paulo (USP), coordenadora do PPGCOM/USP e do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). E-mail: figaro@uol.com.br

<sup>3</sup> Professor adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), doutor em Ciências da Comunicação (USP) e pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). E-mail: moliani@utfpr.edu.br

<sup>4</sup> Doutoranda e mestre em Ciências da Comunicação (USP). Pesquisadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). E-mail: anafaviamarx@usp.br

<sup>5</sup> Doutorando e mestre em Ciências da Comunicação (USP). Pesquisador do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT). E-mail: kinoshita.jamir@gmail.com

**Palavras-chave:** Comunicação e Trabalho; Cronotopo; Arranjos Jornalísticos Alternativos; Periodicidade; Regime de Publicação.

## 1. Introdução

Neste artigo discutimos os procedimentos teóricos e metodológicos adotados para análise sobre qual é o jornalismo produzido e as transformações nas condições de produção dos arranjos do trabalho de jornalistas da Grande São Paulo. Os novos arranjos econômicos do trabalho dos jornalistas “[...] são uma possibilidade de arranjar, isto é, de organizar o trabalho de forma alternativa e independente aos conglomerados de mídia.” (FIGARO, 2018, p. 15). São estruturas organizativas que têm condições muito diferentes de sustentação e se caracterizam por formas diferenciadas das mídias tradicionais de buscar recursos para sua manutenção. Eles e elas se propõem, inclusive, a entregar um produto jornalístico diferente daquele produzido pelas grandes empresas.

Ainda na primeira fase da pesquisa dividimos os arranjos em seis categorias de nucleação, começando pelos marcadores jornalísticos mais presentes na autodeclaração até os marcadores mais fracos em que a produção jornalística pouco ou nada aparecia na autodeclaração. O sistema de nucleação também recorreu a subnucleações porque havia diferenciações específicas entre as uniformidades de cada núcleo (FIGARO, 2018).

Retomar a nucleação é importante para a fase 2 da pesquisa, porque estamos analisando o produto jornalístico de cada arranjo e depois devemos voltar a comparar o resultado obtido com a identificação nucleadora da primeira fase, consolidando assim a coerência e a coesão das práticas dos arranjos jornalísticos, bem como as boas práticas de pesquisa.

O caminho metodológico selecionado foi o de coletar o material jornalístico por eles produzido, considerando que o ambiente das mídias digitais se constitui como um grande arquivo de documentos que abarcam questões variadas de ordem social, política e econômica por meio do qual os analistas buscam compreender os temas em voga que conformam o imaginário social.



## 2. O contexto da pesquisa e sua influência nos aspectos teóricos e metodológicos

O cenário em que a pesquisa é realizada é o mesmo da onda do trabalho digital ou do trabalho mediado pela infraestrutura das empresas de plataformas (SRNICEK, 2018), quer seja a atividade do usuário, quer seja a do trabalhador do clique ou, como no caso dos jornalistas, o trabalho que necessita dessa infraestrutura para ser produzido e circulado, o qual veio para ficar e será necessário repactuar formas de regulação que possam proteger usuários e trabalhadores.

No caso dos trabalhadores da comunicação, especificamente os(as) jornalistas, o tipo de atividade é produzir informação – jornalística – fundamental para fazer mover esse moinho de dinheiro a partir do labor dos outros. Diferentemente do usuário de internet ou de outro meio digital, diferentemente também do trabalhador do clique, *professeur de la machine*, os(as) jornalistas produzem informações de dois tipos: as que os demais produzem a partir de seus dados captados pelos sistemas e aquelas que já estão garimpadas, limpas, organizadas e prontas para consumo.

A lógica de captação de dados é cruel, porque tudo é captável e comercializável. O(a) profissional entrega a notícia para o veículo que lhe paga o salário ou a hora-trabalho como pessoa jurídica (PJ), *freelancer* ou microempreendedor individual (MEI). Seja lá qual for o nome da precarização, essa mesma notícia é também produto captado pela empresa de plataforma (Google, Microsoft etc.) no momento de sua produção. Essa informação já qualificada é apropriada pela plataforma, sem pagamento algum. A denominada e cantada “inteligência coletiva” transformou-se em captação privada do conhecimento para construir um sistema de lucros. Tanto é assim que Google e Facebook adentram o mercado jornalístico via projetos de incentivo àqueles que servem como ponta de lança para os futuros negócios das empresas. Mais ainda, a produção e a circulação das informações são formatadas na escrita (SEO), palavras-chaves e links que permitam a maior recuperação, fluxo e monetização. Assim, as pautas jornalísticas da grande imprensa também obedecem a essas lógicas de monetização.

Outro aspecto envolvido é que esse sistema das empresas de plataformas possibilita o trabalho dos novos arranjos. Os jornais ou as revistas impressos, feitos de forma alternativa e independente, sempre existiram, de maneira artesanal ou amadora. A

infraestrutura cara e pesada não possibilitava a durabilidade desses veículos, bem como a ampla circulação. A internet e todos os demais recursos do digital – dos *softwares* às demais ferramentas – abriram um horizonte de perspectivas a aqueles que buscam uma alternativa de trabalho fora da empresa tradicional de comunicação. É essa a contradição, entre a exploração já descrita e o potencial emancipador do desenvolvimento das forças produtivas, com enormes perspectivas para tornar o trabalho e bens advindos dele propriedades coletivas, no sentido da distribuição das riquezas que esse trabalho gera. Então, os arranjos do trabalho do jornalista são uma inspiração para o jornalismo, uma alternativa de trabalho, e, contraditoriamente, são fonte de ganhos para o sistema do capital; são formas de minorar o sofrimento e a falta de perspectivas de emprego para os(as) profissionais, embora haja aumento da precarização e densificação do trabalho.

Em mídias como o Facebook e o Twitter, objetos de nossa pesquisa, o arquivo se constrói em movência a cada postagem e com atualização permanente a partir de várias vozes, cujas extensões e conexões são imprevisíveis. Desse modo, as postagens de textos, vídeos e links abrem a possibilidade de que se produzam leituras e interpretações em diferentes posições. Este espaço heterogêneo e múltiplo também está marcado pela desigualdade numa sociedade em que poderes e saberes não estão distribuídos de forma homogênea. Afinal, o negócio do Facebook não é apenas a construção de sociabilidade por meio do compartilhamento de informações, mas a elaboração de uma grande base de dados, a verdadeira riqueza das plataformas. E o jornalismo contribui para essa acumulação de propriedades na medida em que mantém o ambiente comunicacional das redes sociais aquecido por meio de seus conteúdos.

Ao mesmo tempo em que as plataformas de redes sociais desafiam os modelos de negócios das grandes organizações midiáticas, elas se tornam gradativamente indispensáveis para a circulação da produção jornalística. Daí porque os arranjos de jornalismo independentes e/ou alternativos mantêm perfis nas principais plataformas de redes sociais brasileiras, Twitter e Facebook. Também é preciso destacar que o Twitter tem ganhado importância, sendo reconhecido como uma rede influente em diferentes temas sociais, em especial na última campanha presidencial. Segundo Fragozo et al. (2013, p. 100), o Twitter tem condições diferentes das demais ferramentas de

comunicação mediadas pelo computador, pois “[...] ele funciona em uma estrutura de rede, gerada pelas conexões entre seguidos e seguidores e forma canais de informação em rede, por onde os tuítes circulam e são repassados.”

Com as reflexões sobre o controle dos dados produzidos, a crítica do monopólio das empresas de plataforma e a conformidade do desenho das redes sociais e das interfaces para a escrita e publicação de sites, adensamos nossas escolhas de pesquisa. Assim apuramos o olhar dos pesquisadores sobre essas camadas discursivas, sígnicas, pois elas têm valor ideológico, remetem a escolhas e a determinações sociais. Dessas questões partiram as reflexões acerca da coleta propriamente dita através das ferramentas Netlytic e Nvivo (MARQUES; CAMARGO; MOLIANI, 2019) e da organização dos arquivos (NONATO, PACHI FILHO; SILVA, 2019).

Neste contexto, a relação com o arquivo, mediada pela questão da compreensão do produto jornalístico dos arranjos econômicos alternativos durante as eleições de 2018, que foram o alvo da nossa análise, é determinante para a compreensão da própria discursividade. Isso porque a leitura desses materiais, como aponta Dias (2015; 2018), é parte do momento de sua circulação, e a textualização é determinada pelo processo de atualização dos sentidos, ou seja, dos dados pela circulação em grande quantidade. Como explica Pêcheux (1994), são duas culturas envolvidas no gesto de leitura do arquivo: a dos literatos e a dos cientistas, que criam os instrumentos e produzem lugares diferentes de produção de sentidos.

Essas questões nos colocaram diante de alguns dilemas: a) não há como estabelecer a periodicidade no fluxo de produção das informações postadas e atualizadas nos sites e nas redes sociais (Facebook e Twitter) dos arranjos jornalísticos estudados; b) não são claras as categorias para verificar as escolhas e procedimentos da pauta de cobertura e da abordagem dos temas reportados por esses arranjos jornalísticos. Após refletirmos sobre as categorias periodicidade e critérios de noticiabilidade, chegamos à conclusão de que esse ferramental não daria conta de nossos objetivos analíticos.

### **3. O regime de publicação e o cronotopo**

O debate sobre o ferramental teórico-metodológico, para prosseguir na análise do material jornalístico coletado dos sites dos próprios arranjos e de suas redes sociais, nos

levou a verificar, a partir da organização dos respectivos arquivos, que não havia periodicidade certa na grande maioria do material coletado. Esta constatação nos fez buscar outros conceitos para entendermos as várias camadas de publicações e seus tempos/espacos de diálogos, cotejando-as com outras vozes discursivas na temática das eleições. Buscamos, então, os conceitos de regime de publicação e de cronotopo, oriundos de estudos da história e da literatura, respectivamente. Para fundamentar a noção de regime de publicação nos embasamos em Roger Chartier (1999) e para a de cronotopo, fomos atrás de Mikhail Bakhtin (1992) e Marília Amorim (2006).

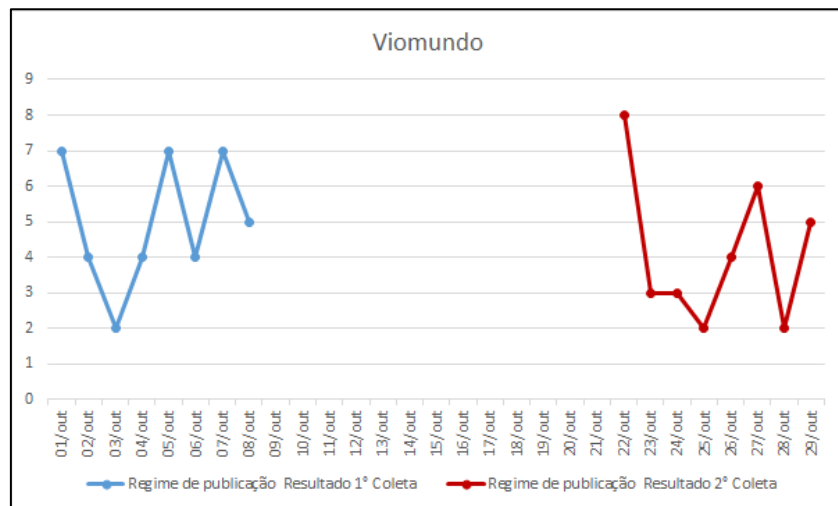
A observação das postagens estudadas leva-nos a supor que o regime de publicação contínuo cria a sensação de eterna presentificação. O “aqui e agora” compõe a dêixis que marca a interlocução eu-tu do processo enunciativo do arranjo jornalístico, trazendo junto a questão do cronotopo, que reflete a presentificação do reportado e do ato de reportar. Fazem-se necessárias, no entanto, algumas considerações sobre o uso do termo regime de publicação, que remete ao campo semântico relativo ao processo de produção de periódicos, ora mais vinculado ao tempo de publicação e circulação, ora à função-autor (CHARTIER, 1999).

Robert Chartier (1999), a partir de Michel Foucault e Michel de Certeau, enuncia a complexidade dos elementos envolvidos na produção e circulação de livros, e para quem a função-autor aparece “[...] ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos.” (idem, p. 58, com destaque nosso). A função-autor é criada ao longo da história, vinculada ao desenvolvimento das forças produtivas, das cidades e da circulação de livros e também está “[...] no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores.” (CHARTIER, 1999 apud CARVALHO; LOUSADA, 2009).

Também encontramos referência ao termo regime de publicação em Valmore e Souza (2017), definido a partir de um balanço bibliométrico sobre número de publicações, autores e regiões de publicação de produção científica sobre o tema ciência política. Os autores recorrem a esse termo como referente a “frequência, volume e potencial de produção e publicação” de determinados programas de pós-graduação.



Consideramos que o termo regime de publicação recobre um campo de sentidos relativo à produção editorial, na conformação de dispositivo comunicacional – e aos seus processos de produção. Portanto, regime de publicação é mais amplo que periodicidade, que está mais afeito a intervalo constante de publicação, e refere-se também a alcance e escala de produção. Desse modo, adotaremos o conceito de regime de publicação em lugar de periodicidade. Esta noção também abarca mais adequadamente o dispositivo comunicacional acionado nos sites dos arranjos jornalísticos e/ou nas redes sociais de que eles se utilizam. Vejamos a seguir o exemplo do site Viomundo.



Fonte: Arquivo CPCT – O regime de publicação do site Viomundo no período da coleta.

O regime de publicação, no período de coleta, mostra-se relevante em termos de um arranjo que tem uma equipe com duas pessoas, mas é intermitente: há dias com oito publicações e outros com duas. Como tratar esse ciclo de periodicidade? Definitivamente, não comporta. Daí nossa opção por regime de publicação.

Por outro lado, recorremos ao conceito de cronotopo para entendermos o processo produtivo da notícia nos meios digitais. Aqui se trata não exatamente do tema, ou seja, da história em si, mas de como ela é contada, composta e de sua circulação, ganhando contornos que extrapolam – ou não – o tempo e o lugar de seu acontecimento. A matéria postada adquire vida nas páginas da *web*, ganha novos sentidos, é atualizada, comentada, interpelada por outros discursos de tempos e lugares distintos.



A produção discursiva jornalística *online* é um emaranhado de interdiscursos que também ganha sentido e destaque a depender das formas de circulação e apropriação e tudo isso em um tempo que não pode ser contado por horas, dias, minutos de modo exato. O funcionamento do dispositivo comunicacional produz esses deslocamentos tempo-espaciais.

Por exemplo, uma matéria produzida para o site pode ser atualizada, comentada, retirada, corrigida indefinidamente, deixando ou não marcas visíveis desses movimentos de ir e vir de discursos, de vozes múltiplas. O site é um lugar institucional e mais delimitado do que uma rede social, mas mesmo assim sua materialidade padece da transitividade de que o jornal impresso ou televisivo ou o radiojornalismo não padecem. É próprio da materialidade do virtual a plasticidade do eterno renovar-se.

Podemos discutir o cronotopo ainda em outro exemplo. Trata-se de uma notícia no Nexo Jornal, publicada em 29 de outubro de 2018, portanto, pós-eleitoral.

Título das matérias	Autoria	Gênero	Instância de seleção	Instância de composição	Instância de Circulação	Título das matérias
Este museu oferece visitas como tratamento de saúde	André Cabette Fábio	Notícia	Museu dará ingressos para médicos entregarem a seus pacientes, associando arte e saúde (saúde e arte)	Relatório de parlamento britânico + <i>release</i> de museu canadense	Foto de agência (Reuters) e links para os documentos que pautam a notícia; ao fim da matéria há link para outra matéria complementar	Há links para os temas abordados: "ciência e saúde", "sociedade" e "cultura". Não há <i>tags</i> , <i>hashtags</i> ou comentários

Fonte: Pesquisa CPCT, site do Nexo Jornal, 29 de outubro de 2018.

É um texto que noticia para o leitor brasileiro a existência de um museu canadense que oferece a médicos 50 ingressos anuais. Como se vê no quadro anterior, título, autoria, gênero, fonte, composição e circulação permitem uma leitura que transita do Museu no Canadá ao relatório do parlamento britânico, a outras matérias relacionadas, além da relação arte e saúde, em um contexto brasileiro em que não temos infraestrutura para saúde de todos e muito menos acesso à arte para todos. O tempo e o lugar estão a serviço de um relato sobre como se tratam as pessoas no Brasil. Essa notícia é notícia porque aqui não temos sequer atendimento médico, quanto mais médico e museu. São os deslocamentos favorecidos pelos links que oportunizam esse tipo de relato.



Nas redes sociais, esse movimento de destempo e deslocalização é ainda mais presente. Assim sendo, o processo produtivo desse jornalismo *online* é sempre imperfeito, no sentido do não acabamento, sempre passível de atualização e correção. Essa lógica não é imanente apenas ao *mídiu*m, mas é imanente ao dispositivo comunicacional (MAINGUENEAU, 2001) – aqui entendemos dispositivo como o conjunto dos elementos que permite a existência da comunicação: *mídiu*m, discurso, situação de recepção e situação de circulação (FIGARO; GROHMANN, 2017).

São essas características do processo produtivo do jornalismo, no caso dos novos arranjos do trabalho de jornalistas, que remetem ao conceito de cronotopo de Bakhtin. Segundo Amorim (2006, p. 102), “[...] o cronotopo em literatura é uma categoria da forma e do conteúdo que realiza a fusão dos índices espaciais e temporais em um todo inteligível e concreto.” Para Mikhail Bakhtin, “[...] os índices do tempo descobrem-se no espaço e este é percebido e medido de acordo com o tempo [...]”<sup>6</sup> (BAKHTIN, 1978 apud AMORIM, 2006, p. 102).

Como salientou Bakhtin, o tempo é revelado na tessitura da trajetória dos personagens. Ele identifica, na análise da obra de Goethe, a relevância da atividade humana transformadora das paisagens e a história como diacronia do tempo vivido. Por que retomar o estudo bakhtiniano sobre a obra de Goethe? Porque para Bakhtin essa obra marca o conceito de cronotopo com vital relevância. Para o autor, o tempo em Goethe é o que marca a concretude da atividade humana na história.

Goethe, não há acontecimentos, enredos romanescos, motivos temporais que sejam indiferentes aos locais de sua realização e que pudessem realizar-se em outros lugares (...) Tudo, neste universo, é espaço-temporal, tudo é cronotopo autêntico. (BAKHTIN, 1992, p. 263)

Assim, transmutamos o estudo de Bakhtin sobre o cronotopo para pensar o jornalismo do qual nos fala Adelmo Genro Filho, o contador de histórias de singularidades, revelador da vida concreta das pessoas em sociedade. Agora, com as práticas do *online*, o jornalismo não está mais preso ao tempo do relógio da indústria moderna, mas ao relógio do pulsar do coração, das batidas coligidas pelo fato a ser reportado.

---

<sup>6</sup> BAKHTIN, M. *Formes du temps et du chronotope dans le roman (essais de poétique historique). Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1978, p. 237 (trecho traduzido por AMORIM, 2006).

No que diz respeito à reflexão acerca da noção de critério de noticiabilidade, chegamos à conclusão de que ele não permite compreender as condições de produção do discurso jornalístico nos arranjos estudados. Para essa decisão recorreremos à revisão bibliográfica sobre o termo, um estudo crítico do conceito realizado pelo professor Thales Lelo, pós-doutorando na ECA-USP e pesquisador do CPCT, e a um seminário de discussão com a professora Lia Seixas<sup>7</sup>, da Universidade Federal da Bahia.

Segundo Johan Galtung e Mari Ruge (1965), pioneiros na proposição do termo valores-notícia, esses valores se estabelecem como critérios de noticiabilidade. Para eles, os acontecimentos atendem a valores intrínsecos, que são determinados valores universais e/ou contextuais que recobrem o acontecimento a ser noticiado. Uma plêiade de autores sucede os pioneiros na análise dos valores-notícia, ampliando o uso do conceito para aspectos discursivos-imagéticos, éticos etc., fazendo com que um arcabouço variável e sempre ajustável seja aplicado.

Há uma ampla gama de aspectos que classifica o acontecimento, para revelar o potencial que tem para viver como notícia e circular na sociedade. Isso cria dubiedades que não respondem ao nosso problema de pesquisa, qual seja, entender que tipo de jornalismo produzem os novos arranjos do trabalho de jornalistas. Os valores-notícia vão aparecendo como uma palheta de conveniências para atender à linha editorial do veículo jornalístico e, por fim, pouco revelam ao analista as condições de produção do processo jornalístico. No entanto, antes de enveredarmos por outros caminhos, buscamos as contribuições de Gislene Silva (2005), que contextualiza o tema e nos remete à proposta de sistematização do conceito em três instâncias.

- 1) Critérios de noticiabilidade na origem do fato (seleção primária dos fatos / valores-notícia), com abordagem sobre atributos como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc.;
- 2) Critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, centrados na seleção hierárquica dos fatos e na produção da notícia, desde condições organizacionais e materiais até cultura profissional e relação jornalista-fonte e jornalista-receptor;
- 3) Critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, sobre fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc. fundamentos ético-epistemológicos: objetividade, verdade, interesse público etc. (SILVA, 2005, p. 95)

---

<sup>7</sup> Mais informações disponíveis sobre o seminário mencionado no site institucional do CPCT em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/destaques/eventos/>.

Para chegar a essas instâncias, a autora retomou Mauro Wolf (1992), quando ele afirma que os critérios de noticiabilidade se configuram em dois tipos: de seleção da notícia (critérios que dizem respeito ao que será noticiado ou não); e de construção da notícia (critérios de composição discursiva, ou seja, como se tratará o evento a ser noticiado). É a essa compreensão de Wolf que Gislene Silva acrescenta a proposta de uma terceira instância: ético-epistemológica.

No entanto, para a nossa compreensão, Wolf (1992) teve um *insight* bastante produtivo, propiciando ao analista a oportunidade de compreender as instâncias como processos provenientes da lógica produtiva do veículo jornalístico. A ideia de Wolf (1992) de pensar as instâncias de produção nos chamou atenção e a guardamos para reconfigurá-la a partir do que Adelmo Genro Filho (2012) fala da singularidade do discurso jornalístico. Nesse sentido, voltamos à reflexão ao que ele nos propõe no que se refere à característica de discurso singular do jornalismo.

#### **4. A singularidade do discurso jornalístico**

A releitura de Adelmo Genro Filho suscita algumas reflexões sobre que tipo de jornalismo é produzido pelos novos arranjos do trabalho do jornalista. Primeiramente, devemos salientar o esforço de Genro por definir o gênero jornalismo como um tipo de conhecimento singular, capaz de se “[...] manifestar em seu potencial desalienante e humanizador [...]” (idem, 2012, p. 58). Para ele, pressupõe compreendermos a “[...] história como um processo de autoprodução ontológica do gênero humano [...]” e a política “[...] como a dinâmica dos conflitos em torno da qualificação da práxis social [...]”, ou seja, luta de classes (idem).

O autor afirma que o processo de significação produzido pelo jornalismo situa-se na exata contextura entre duas variáveis: 1) as relações objetivas do evento, o grau de amplitude e radicalidade do acontecimento em relação a uma totalidade social considerada; 2) as relações e significações que são constituídas no ato de sua produção e comunicação (GENRO FILHO, 2012, p. 61).

Para ele, as teorias dos sistemas e funcionalistas não dão respostas objetivas aos dilemas da sociedade. Assim, o jornalismo, para preservar a qualidade da informação, é um gênero que se situa como elemento mediador na construção de conhecimento

singular, vinculado ao conceito de totalidade concreta, ou seja, na relação dialética entre ser-objeto, na qual o fato se apresenta ao humano como processo de representação, permeado pelas contradições sociais, na historicidade ontológica e na luta de classes.

Genro Filho salienta que a singularidade é aspecto aceito pelas teorias hegemônicas do jornalismo, porque entendida de modo simplista. Essa visão condena o profissional ao empirismo técnico que reitera o *status quo*: “(...) os jornalistas devem seguir sem saber o motivo, tornando-se presa fácil da ideologia burguesa e da fragmentação que ela proporciona.” (idem, p. 162). Assim, diz ele, “[...] a totalidade torna-se mera soma das partes; as relações sociais, uma relação arbitrária entre atitudes individuais, o mundo concebido como imutável e a sociedade burguesa como algo natural e eterno.” (ibidem).

Para fugir desse engodo, segundo Genro Filho, é preciso compreender aquilo que Hegel trouxe de novidade em suas análises, isto é, “[...] a interpenetração dialética e a identidade contraditória entre singular, particular e universal.” (idem, p. 169). Desse modo, o jornalismo parte do singular do fato a ser notícia (coronavírus, a doença em um caso) para explicar o particular (doença que ataca os pulmões e é contagiosa e como se relaciona com outras doenças em determinadas sociedades, grupos). Muito embora a universalidade necessariamente não seja explicitada, ela está pressuposta, pois leva a refletir sobre o futuro da humanidade e as escolhas de vida e de ciência que temos e fazemos.

Desse ponto de vista, o jornalismo é um conhecimento estruturado a partir do singular, a forma e a estrutura interna através da qual se cristaliza a significação, trazida pelo particular e o universal que foram superados, “[...] mantidos como horizontes do conteúdo.” (idem, p. 172). Ou seja, o jornalismo é o discurso da singularidade, mediado pelo particular e que deve pressupor o universal.

Como discurso caracterizado pela singularidade o jornalismo é um produto histórico. Fruto do avanço das forças produtivas, emerge historicamente com o avanço da burguesia e do capitalismo. Entretanto, para Genro Filho, o jornalismo é expressão de uma necessidade histórica da urbanidade mesmo sendo uma expressão do modo capitalista de produção; enquanto necessidade de relações de independência e autonomia para os cidadãos, o jornalismo é um fenômeno ambivalente, há nele o conflito entre a emancipação cidadã e a manipulação das classes dominantes.

Assim, ao retomarmos as questões marcadas por Genro Filho (2012), vislumbramos a oportunidade de deslocar as instâncias, proposta por Wolf (1992), do cenário dos critérios de noticiabilidade, para vê-las como organizadoras dos processos produtivos do jornalismo. Assim, nossa questão é identificar em que medida o fato jornalístico se apresenta como escolha a ser reportada como notícia. O processo de reconhecimento do “fato jornalístico” está submetido ao processo produtivo e aos condicionamentos sociais, econômicos e políticos dos arranjos do trabalho do jornalista. Cabe salientar, portanto, que uma unidade de análise importante é a da instância de seleção do fato jornalístico, para entendermos o tratamento compositivo que a ele será dado. A seleção do fato jornalístico também está relacionada à forma de circulação da notícia: onde, para quem e como vai circular. Dessa maneira, seleção, composição e circulação são instâncias que, deslocadas das teorias do *newsmaking*, podem ser nossas categorias analíticas. Acrescentamos às duas instâncias de Wolf uma outra: a circulação.

Aqui voltamos a salientar o conceito de dispositivo comunicacional para compreendermos de maneira ampliada o discurso jornalístico dos novos arranjos do trabalho do jornalista. Ao salientarmos a importância do dispositivo comunicacional, estamos nos remetendo à materialidade concreta do discurso, do *mídiun*, do público alvo e às formas de circulação moldadas pelas plataformas digitais. O fazer jornalístico, dessa maneira, não tem a autonomia propalada por alguns teóricos e, de certa forma, pelo próprio Genro Filho, que trata o jornalismo como um gênero discursivo singular e cuja materialidade concreta concorre para a formulação de conhecimento que tem valor no processo de emancipação social. Segundo o autor, “[...] não é demais insistir, essa ‘ideologia da objetividade’ do jornalismo moderno esconde, ao mesmo passo que indica, uma nova modalidade social do conhecimento, historicamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo e dotado de potencialidade que o ultrapassam.” (idem, p. 197, com destaque nosso).

A discussão essencial realizada por Genro Filho não está exatamente no jornalismo, mas na teorização sobre as diferentes formas de conhecimento e do processo de conhecimento – ou seja, o movimento dialético e histórico entre ser-objeto, como fundante necessário da objetividade.

## **5. Procedimentos para fazer operar o ferramental teórico-metodológico**

Para fazer operar esses conceitos teórico-metodológicos discutidos, tomamos mais algumas decisões que dizem respeito a como tratar os dados coletados da produção jornalística dos novos arranjos do jornalismo. A organização dos arquivos em planilhas do Excel, tanto dos sites quanto das redes sociais, as nuvens de palavras mais citadas, os gráficos de regime de publicação nos dão um quadro da produção geral dos arranjos, fluxo e organização da produção. Mas para adentrar ao conjunto dessa massa de dados previamente organizada, necessitamos estabelecer mais um critério de recorte do *corpus*. Devido à pergunta da pesquisa (que tipo de jornalismo produzem?), é necessário observar mais de perto, internamente o material produzido. Os gráficos sobre o fluxo e o regime de produção permitiram adotar, para o próximo passo da avaliação, um critério simples: analisar as matérias do(s) dia(s) com maior número de publicações de cada arranjo no período de recorte do primeiro turno (1 a 8 de outubro) e do segundo turno (22 a 29 de outubro) das eleições de 2018.

Com essa decisão, adotou-se organizar planilhas com as seguintes categorias: data de publicação, link da matéria, título, autoria, republicação (sim ou não), gênero, instância de seleção (tema), instância de seleção (fonte), instância de composição, instância de circulação e, finalmente, observações. A tabela que apresentamos na sequência ilustra o trabalho de análise realizado, arranjo por arranjo, com as matérias do dia de maior regime de publicação.

**SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**  
**18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**  
**3 a 6 de Novembro de 2020**

**Tabela analítica do regime de publicação dos sites dos arranjos**

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K		
1	<b>B9 Segunda Fase da Pesquisa dos Novos arranjos do trabalho do jornalista</b>											
2	<b>Primeira coleta de dados</b>	<b>publicação</b>	<b>Links das matérias publicadas na data</b>	<b>Título das matérias</b>	<b>Autoria</b>	<b>Publicação sim ou não</b>	<b>Gênero</b>	<b>Instância da seleção assunto/tema</b>	<b>Instância da seleção fontes</b>	<b>de composição múltipla e hiperlinks</b>	<b>Circulação/interatividade</b>	<b>observação</b>
3	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/975022hanchada-giallo-stream-que-e-outro-37-temos-de-chamar-a-atencao-sobre-o-dicionario-de-oxford">https://www.b3.com.br/975022hanchada-giallo-stream-que-e-outro-37-temos-de-chamar-a-atencao-sobre-o-dicionario-de-oxford</a>	Chanchada, giallo, stream queen e mais de uma centena de termos de cinema são selecionados no Dicionário de Oxford	Pedro Strazza	não	Notícia	Cinema/Verbetes/ Dicionário Oxford	Verbetes do Dicionário Oxford				
4	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/974606nivasat-283x-mil-nao-esta-foi">https://www.b3.com.br/974606nivasat-283x-mil-nao-esta-foi</a>	A Invasão de TV	B9	Não	Podcast/Opinião	Televisão/Mídia comercial/audiência e política					
5	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/974749faleco-lanca-conjunto-de-feramentas-para-combater-as-fake-news">https://www.b3.com.br/974749faleco-lanca-conjunto-de-feramentas-para-combater-as-fake-news</a>	Falecos lança conjunto de ferramentas para combater as fake news	Soraia Alves	Não	Notícia	Internet/Fake News					
6	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/974848instag-ram-naga-em-revista-que-codex-do-telegram-paga-impresso-08-Codex-do-Instagram-em-sua-receita-do-Brasil">https://www.b3.com.br/974848instag-ram-naga-em-revista-que-codex-do-telegram-paga-impresso-08-Codex-do-Instagram-em-sua-receita-do-Brasil</a>	Instagram paga impresso e QR Code do Instagram em sua receita do Brasil	Soraia Alves	Não	Notícia	Parking/Redes Sociais/Times de futebol					
7	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/974848instag-ram-naga-em-revista-que-codex-do-telegram-paga-impresso-08-Codex-do-Instagram-em-sua-receita-do-Brasil">https://www.b3.com.br/974848instag-ram-naga-em-revista-que-codex-do-telegram-paga-impresso-08-Codex-do-Instagram-em-sua-receita-do-Brasil</a>	Instagram paga impresso e QR Code do Instagram em sua receita do Brasil	Pedro Strazza	Não	Notícia	Novo recurso do Instagram/Atualização/ comparação Snapchat					
8	4/10/2018	<a href="https://www.b3.com.br/974701elator-com-stra-que-netflix-consome-15-do-trafego-global-de-internet">https://www.b3.com.br/974701elator-com-stra-que-netflix-consome-15-do-trafego-global-de-internet</a>	Netflix consome 15% do tráfego global de internet, afirma relatório	Soraia Alves	Não	Notícia	Internet/Netflix/Tráfego de banda larga	Internet/Netflix/Tráfego de banda larga				

Fonte: Banco de dados CPCT, 2018/Segunda fase da pesquisa sobre novos arranjos do trabalho dos jornalistas.

Revisitar as matérias, lê-las e organizar a análise na forma desta planilha permitiu conhecer os procedimentos compositivos envolvidos no trabalho jornalístico desses arranjos.

No caso das redes sociais, para dar andamento à análise, devido à quantidade de postagens – centenas e, em alguns casos, milhares –, adotamos a organização do arquivo, conforme mostrado anteriormente, e selecionamos a data de maior fluxo do regime de publicação e, dela, pelo menos uma postagem no Twitter e no Facebook, de cada arranjo, para a análise comparativa com o que foi produzido e postado no respectivo site.

O objetivo é entender as relações que se estabelecem entre os diferentes dispositivos comunicacionais e se eles são utilizados de formas diferentes e quais são essas formas em termos do discurso jornalístico produzido. Alguns arranjos priorizam as redes sociais como lugar de produção e circulação de seus discursos, outros priorizam o site. Há, certamente, diferenças no que se produz, e essa diferença é o que também queremos verificar e analisar.

## 6. Conclusão

Fizemos esse percurso teórico e metodológico para compreender qual é o jornalismo feito por esses arranjos e quais são as principais transformações que vêm ocorrendo quanto às condições de produção. Após fazer esse caminho, podemos apontar que a teoria funcionalista do *newsmaking* cai por terra, porque os critérios de noticiabilidade não problematizam o contexto da produção capitalista e adquirem tal variabilidade que se tornam pouco explicativos e nada operativos.

Optamos por fazer operar um ferramental teórico-metodológico que articule os conceitos de regime de publicação e de cronotopo às instâncias de seleção, composição e circulação do produto jornalístico, sem perder de vista um outro pressuposto importante para nossa análise, o conceito de dispositivo comunicacional (MAINGUENEAU, 2001). Ao salientarmos a importância do dispositivo comunicacional, nos remetemos à materialidade concreta do *mídiun*, do discurso, do público e das formas de circulação moldadas pelas plataformas digitais.

É importante salientar que as condições produtivas dos arranjos se dá em um cenário concreto, na indústria da informação, cuja relação tempo/espaço está no centro das disputas da reestruturação produtiva contemporânea. Essa relação tempo espacial é um dos componentes da organização da vida social e, desse modo, da organização econômica. Hoje, o relógio tradicional não faz muito sentido, haja vista que estamos conectados, produzindo dados, o tempo todo. O globo terrestre não é mais pensado por suas distâncias, estamos todos muito próximos. Os satélites, as ondas eletromagnéticas, as conexões a cabo estão na base da organização da nossa vida nas cidades e em todos os lugares; são o que nos permitem o trabalho na comunicação.

Essa aproximação de tempo e espaço, formando um cronotopo próprio com narrativa que poderia nos revelar formas mais solidárias de vida, tem, na verdade, criado a presentificação e a exigência da disponibilidade completa e permanente. As narrativas hegemônicas exigem personagens felizes e ajustados a determinadas habilidades e competências, cujos pressupostos são o “eu empreendedor de si mesmo”, o individualismo, o cumprimento da meta que nunca para de ser alterada e expandida, para o bem de não se sabe quem e o quê. Mas esse ente, que agrega os resultados de todos, existe.



A amostra expressiva que analisamos revela que há uma quantidade de produção e circulação de informação qualificada de nicho social de relevância que interessa econômica e politicamente. Desse modo, se tivessem condições de trabalho e de sustentação mais adequadas, a produção poderia aumentar e se estabilizar, prestando serviço ainda mais relevante para a comunidade. No aspecto que tange à democracia e à liberdade de expressão, mantendo independência e sendo alternativos, é significativa a contribuição que podem representar.

Tal conjunto de produções jornalísticas e de conteúdos culturais são contribuição efetiva para a discussão de temas relevantes da atualidade, para a informação dos cidadãos, a democratização e a diversificação dos meios de comunicação. É uma exigência da democracia que esses trabalhadores da comunicação sejam reconhecidos e tenham condições de manter seu sustento a partir desse trabalho. O material que eles produzem está sendo apropriado pelo sistema de subtração dos dados para a operação das empresas de plataforma, tanto no que diz respeito à publicidade programática, quanto ao controle e sistematização de dados para fins políticos e de aprendizado de máquina e aperfeiçoamento do negócio dessas empresas. Portanto, nada mais justo do que exigir-se o pagamento por esses dados.

## Referências

ALVES, M. *Abordagem de coleta de dados nas mídias sociais*. In: SILVA; TARCÍZIO; STBILI; MARX. **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**: metodologias, aplicações, inovações. Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados, 2016.

AMORIM, M. *Cronotopo e exotopia*. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin e outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CARVALHO, L. C.; LOUSADA, V. L.. *A Revue Spirite (1858-1869) e as comunidades de leitores das obras de Allan Kardec*. In: XV Encontro Sul Riograndense de Pesquisadores em História da Educação, 2009, Caxias do Sul - RS. **Anais do XV Encontro Sul Riograndense de Pesquisadores em História da Educação**. Caxias do Sul - RS: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 2009, v. 1. p. 1-12.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: autores, leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: EdUnB, 1999.

DIAS, C. *Análise do discurso digital*: sobre o arquivo e constituição do corpus. **Estudos linguísticos**, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set./dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes Editores, 2018.

FIGARO, R. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. São Paulo: CPCT/ECA-USP, 2018. Disponível em: <<http://twixar.me/LqC3>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

\_\_\_\_\_; GROHMANN, R. *Dispositivos comunicacionais no mundo do trabalho*: uma revisão teórica para operacionalizar o conceito. **Comunicação e Inovação**, v. 18, n. 38, 2017. UMSC. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/4669](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/4669)>.

FRAGOSO, S. et al. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GALTUNG, J.; RUGE, M. *The structure of foreign news*. **Journal of International Peace Research**, n. 1, 1965.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, A. F.; CAMARGO, C. A.; MOLIANI, J. A. *A produção noticiosa dos novos arranjos de trabalho dos jornalistas*: análise das ferramentas de coleta Netlytic e NVivo. **Anais do 17º SBPJor**. Coordenadas Retij, 2019.

NONATO, C.; PACHI FILHO, F. F.; SILVA, N. *O trabalho de jornalistas em arranjos econômicos independentes*: uma interpretação a partir dos rastros digitais. **Anais da 17º SBPJor**. Coordenadas Retij, 2019.

PÊCHEUX, M. *Ler o arquivo hoje*. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994, p. 55-56.

SILVA, G. *Para pensar critérios de noticiabilidade*. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, 2005.

SNIRCEK, N. **Capitalismo de plataformas**. Buenos Aires: Caja Negra, 2018.

VALMORE, F.; SOUZA, N. R. de. *Movimentos sociais, instituições participativas e sociedade civil em sete periódicos nacionais (Qualis A1, A2 e B1), 2005-2014*. **BIB, Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 82, 2º semestre de 2016 (publicada em setembro de 2017), pp. 105-126. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37080173/Movimentos\\_sociais\\_institui%C3%A7%C3%B5es\\_participativas\\_e\\_sociedade\\_civil\\_em\\_sete\\_peri%C3%B3dicos\\_nacionais\\_Qualis\\_A1\\_A2\\_e\\_B1\\_2005-2014](https://www.academia.edu/37080173/Movimentos_sociais_institui%C3%A7%C3%B5es_participativas_e_sociedade_civil_em_sete_peri%C3%B3dicos_nacionais_Qualis_A1_A2_e_B1_2005-2014)>.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1992.